

Marco Antonio Coutinho Jorge

FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE
DE FREUD A LACAN

vol.1: As bases conceituais

7^a reimpressão



Copyright © 2000, 2005, Marco Antonio Coutinho Jorge
macjorge@macjorge.pro.br
www.macjorge.pro.br

Copyright desta edição © 2005:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

1ª edição: 2000
2ª edição revista: 2005
7ª reimpressão: 2014

Capa: Carol Sá e Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J71f Jorge, Marco Antonio Coutinho, 1952-
2.ed. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: as bases concei-
v.1 tuais/Marco Antonio Coutinho Jorge. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Zahar,
2005.

(Transmissão da psicanálise)

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-7110-554-6

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Lacan, Jacques, 1901-1981.
3. Psicanálise. I. Título. II. Série.

JACQUES LACAN E O “RETORNO AO SENTIDO DE FREUD”

Surgida na aurora do século XX, a psicanálise atinge seu primeiro centenário de existência. Criada por Sigmund Freud, cujo legado é uma obra ciclópica, a psicanálise obteve ao longo dessa existência enorme difusão, a qual, no entanto, se revelou muitas vezes incongruente com o pensamento de seu criador.

Desde a época em que Freud vivia, ocorreram desvios teórico-práticos das premissas básicas de sua doutrina que a descaracterizaram de tal modo que o levaram a promover cisões no seio do movimento psicanalítico. Um eloqüente retrato dessa situação foi delineado pelo próprio Freud ao escrever “A história do movimento psicanalítico” (1914), ensaio que evidencia como a história da psicanálise, desde seus primórdios, não poderia ser narrada de forma independente da história das resistências à própria psicanálise.

Tais resistências, invariavelmente presentes na história doutrinária, manifestando-se inclusive por meio de uma aceitação abrupta e apenas aparente de suas teses – como a que se observa contemporaneamente, quando a psicanálise freqüenta o cotidiano dos meios de comunicação de massa despojada de sua particularidade discursiva –, foram relacionadas por Freud à verdade mesma de sua descoberta do inconsciente: há algo nos homens que age à revelia deles próprios, algo a partir do que eles agem sem saber que o fazem. Em diferentes trabalhos, como “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” (1917) e “As resistências à psicanálise” (1925), Freud subsume tais resistências ao fato, em si mesmo dificilmente aceitável, de que a psicanálise exhibe uma divisão (*Spaltung*) constituinte, originária, reveladora de que os homens não são senhores de si mesmos.

Freud chegou a comparar sua descoberta do inconsciente com dois outros golpes desferidos pela ciência sobre o amor-próprio da humanidade: se Copérnico retirou a Terra do centro do universo e Darwin mostrou que o homem não está no centro da criação, a psicanálise, por sua vez, descentrou o homem de si mesmo ao mostrar que “o eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa”.¹ De fato, ao descentrar a sede do sujeito de sua consciência, o inconsciente freudiano subverteu de modo radical o cogito cartesiano e introduziu a dimensão de uma racionalidade inteiramente nova.

Contudo, se durante sua vida Freud encarregou-se pessoalmente de estabelecer a crítica dos desvios teóricos sofridos pela psicanálise na concepção

de alguns de seus seguidores (Jung, com a ênfase numa libido dessexualizada; Adler, com a noção de “protesto masculino”, fundamentada numa limitada concepção do eu; Rank, com a visão reducionista do suposto “trauma do nascimento”; Reich, com os ideais libertários da sexualidade), após sua morte um progressivo comprometimento de seu pensamento foi levado a cabo. Monopolizada em sua prática pela International Psychoanalytical Association (IPA), que enclausurou a formação do psicanalista num ambiente tecnicista refratário ao debate maior das luzes do século, a psicanálise viveu um prolongado período de hibernação, durante o qual foram-lhe gradativamente retirados elementos preciosos da elaboração freudiana. Mais do que nunca, era exemplar para definir a situação reinante a metáfora da “faca de Lichtenberg”, com a qual Freud encerra “A história do movimento psicanalítico”: “Pode-se dizer que com sua ‘modificação’ da psicanálise Jung nos oferece um equivalente da famosa faca de Lichtenberg. Mudou o cabo e botou uma lâmina nova, e porque gravou nela o mesmo nome espera que seja considerada como o instrumento original”.² Metáfora tão mais reveladora quanto refere a psicanálise à dimensão essencial de ruptura, de corte, através da qual o inconsciente freqüentemente se presentifica no discurso.

Na abordagem retroativa de todas essas transmutações sofridas pelo discurso psicanalítico, impõe-se isolar um denominador comum: a perda do vigor racionalista do mestre vienense, em consequência à homogeneização de sua doutrina a diversas formas de ideologia.

Por um lado difundida em toda parte, por outro, a psicanálise tornou-se irreconhecível e, se podemos afirmá-lo hoje, devemos isso à elaboração teórica empreendida pelo *ensino de Jacques Lacan*, sobretudo a partir da década de 50, nos trinta anos seguintes, através de um seminário oferecido inicialmente aos psicanalistas e depois freqüentado pela *intelligentsia* parisiense e mesmo mundial. Com Lacan, pôde-se evidenciar que os fatores mais decisivamente responsáveis pela desfiguração do pensamento freudiano, quais sejam, a medicalização e a psicologização da teoria e da prática psicanalíticas, já haviam sido renunciados pelo próprio Freud, em particular no estudo sobre “A questão da análise leiga” (1926), no qual ele tematiza amplamente sua crítica à restrição, imposta pelos norte-americanos, do exercício da psicanálise aos médicos. Ainda que tivesse sido pronunciada pelo criador da psicanálise, tal crítica foi rechaçada pelos analistas pós-freudianos, o que fez com que, *híbrida da medicina e da psicologia*, a psicanálise se convertesse, em todo o mundo, numa terapêutica adaptacionista, normativizante e se inscrevesse doravante no quadro da psicologia geral.

Esse estado encontrou sua crítica mais radical no ensino desenvolvido por Lacan, que inaugurou, para realizá-la, um movimento de “retorno à obra de Freud” assim definido: “O sentido de um retorno a Freud é um *retorno ao sentido de Freud*”.³ Em “Posição do inconsciente”, texto apresentado em 1964

no Colóquio de Bonneval, organizado pelo psiquiatra Henri Ey, cujo tema era o “inconsciente”, depreende-se não só a situação encontrada por Lacan, como também sua crítica, pois Lacan afirma aí que “a psicologia é veículo de ideais”, e, mais ainda, que “o ideal é servo da sociedade”.⁴

No último seminário que proferiu, em Caracas, 1980, Lacan ressaltou a genuinidade de seu próprio percurso: “Venho aqui antes de lançar minha Causa Freudiana. Vocês vêem que me apego a este adjetivo”. Tal apego de Lacan explicitou-se, com efeito, não apenas por seu famoso lema inaugural de “retorno a Freud”, como ainda pelo tema de grande parte de seus seminários, dedicados à releitura da obra de Freud, e também pela própria nomeação da instituição que fundou em 1964, após ter sido expulso da IPA, a Escola Freudiana de Paris. Mais essencialmente, tal apego manifestou-se por seu objetivo maior, o de reabrir a via radical e inovadora de um pensamento. Ainda naquele seminário, acrescentou Lacan: “Cabe a vocês serem lacanianos. Quanto a mim, sou freudiano.”⁵ Com isso, Lacan fazia uma derradeira indicação, aparentemente paradoxal, a seus discípulos – pois, como ser laciano senão sendo, antes de mais nada, freudiano?

Com a leitura lacaniana de Freud, cuja metodologia implicava o acionamento dos principais achados de Freud sobre sua própria obra, viu-se surgir um pensamento inteiramente novo, embora este fosse, surpreendentemente, o de Freud. Com efeito, Lacan trouxe de volta a originalidade implicada no pensamento freudiano e, dando-se conta, a partir daí, de que o sentido da obra de Freud ainda estava por ser compreendido em sua essencialidade, os psicanalistas passaram a poder denunciar o reducionismo a que tinha sido levada a psicanálise nos manuais utilizados nos institutos de formação psicanalítica filiados à IPA para transmitir a teoria freudiana. O fato é que, até então, o estudo do texto de Freud estava cada vez mais sendo considerado secundário, privilegiando-se a leitura daqueles autores que faziam uma “revisão” de sua obra, como Otto Fenichel.

Difundindo-se por todos os setores da teoria, o ensino de Lacan teve o valor de um verdadeiro ato psicanalítico e resultou, de fato, numa fecunda depuração do pensamento freudiano e numa verdadeira *refundação da prática psicanalítica*. Por um lado, Lacan resgatou no texto de Freud determinadas categorias teóricas que nunca tinham sido objeto de consideração efetiva: noções como as de *Verneinung*, denegação, *Nachträglich*, só-depois; conceitos como os de *Trieb*, pulsão, *Verwerfung*, forclusão. Por outro, Lacan produziu novas conceituações que, embora possam hoje ser consideradas como implícitas no texto de Freud, ao serem explicitadas, ou, vale dizer, nomeadas, puderam não apenas retificar o campo teórico, como igualmente nele introduzir novas perspectivas. São exemplares desse aspecto a lógica do significante e a tripartição estrutural real-simbólico-imaginário, que passou a constituir um verdadeiro novo paradigma para a psicanálise.

A questão fundamental, posta por Lacan reiteradamente e de diferentes formas ao longo de seu ensino — *como transmitir a psicanálise?* —, não deixou de encontrar uma contrapartida na elaboração de matemas da psicanálise. Interpelado, nos EUA, sobre a impossibilidade de matemizar a psicanálise, Lacan esclareceu que se tratava, para ele, não de matemizar tudo, mas sim de “começar a isolar um mínimo passível de ser matemizado”.⁶ Fórmulas mínimas passíveis de agregar a maior gama de achados da experiência psicanalítica, os matemas de Lacan representam a inclusão no quadro teórico do elemento mais limítrofe à conceituação e, entretanto, o mais nuclear: o real. Nesse sentido, é necessário sublinhar que, tendo inventado “o que se escreve como o real”,⁷ para Lacan, “nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no âmago da experiência, é o núcleo do real”.⁸

A PULSÃO E A SEXUALIDADE FREUDIANA

Nuclear na teoria psicanalítica, o **conceito de pulsão** foi introduzido por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). A intervenção de Lacan no campo teórico psicanalítico fez-se sentir, talvez mais do que nunca, quanto a esse conceito. Pois, com ele, pela primeira vez foi resgatada a diferença conceitual entre **pulsão** e **instinto**, que Freud é levado a estabelecer de saída, introduzindo o conceito de pulsão para tratar especificamente da sexualidade humana: “A leitura dos escritos analíticos e as traduções oficiais de Freud (que jamais escreveu essa palavra) nos enchendo a boca de instinto, talvez tenha interesse em obviar a uma retórica que obtura toda eficácia do conceito”.⁹ Tal distinção conceitual fundamental, não realizada pelos psicanalistas, e consequentemente pelos tradutores da obra de Freud até Lacan, resultou na mais completa homogeneização das duas categorias, impedindo, portanto, a compreensão da singularidade daquilo que era introduzido por Freud com o conceito de pulsão. O termo *Trieb* em alemão é de uso coloquial, significando impulsão, e o verbo *Trieben* designa a ação de impelir. Através de sua utilização no quadro conceitual de sua teoria, Freud exprimia uma vez mais sua preferência em manejar palavras em uso na língua, resgatando sua significação como exemplar.

Com a pulsão, na verdade, Freud introduz um conceito radicalmente novo para abordar a sexualidade humana e sem o qual esta restaria inteiramente enigmática. Observe-se que o conceito de pulsão foi por ele mesmo antecipado no “Projeto para uma psicologia científica” (1895), ao mencionar a ocorrência de **estímulos endógenos** na sexualidade.¹⁰ Se nas diversas espécies animais o mecanismo instintual manifesta-se pelo desencadeamento de alguma função biológica ou atitude comportamental (etológica) segundo parâmetros rígidos prefixados pelas leis da hereditariedade genética e inalteráveis para os indivíduos de uma mesma espécie, o que Freud observa na

sexualidade humana emerge como algo extremamente diverso. Surgida a partir de sua experiência clínica de escuta dos pacientes neuróticos em análise, a teoria freudiana das pulsões é o resultado da apreensão da ocorrência universal de uma sexualidade que se manifesta sob uma aparência errática e subdita a uma lógica diferente daquela que rege os instintos animais.

Deparando-se com o fato inarredável da universalidade das chamadas **perversões sexuais** em seus pacientes, Freud conclui que a sexualidade humana apresenta uma verdadeira “constituição sexual” que assume o lugar de uma “disposição neuropática geral”,¹¹ formulação através da qual ele torna inexistente a fronteira entre o normal e o patológico, tão nitidamente demarcada pelos discursos médico e psicológico. Se com os relatos de suas pacientes histéricas Freud partira da idéia da ocorrência de uma **sedução** e de um “trauma sexual infantil”, ele desembocou, através da revelação da existência das **fantasias sexuais** nessas pacientes, na noção de “infantilismo da sexualidade”, isto é, de que a sexualidade é sempre traumática enquanto tal, e isto para todo e qualquer sujeito. Lacan veio a nomear essa passagem fundamental da obra freudiana como sendo a concepção do **trauma como contingência**, isto é, não se trata de que tenha havido trauma sexual na infância do sujeito, mas sim de que a estrutura da sexualidade é ela própria, sejam quais forem os acontecimentos históricos, essencialmente traumática:

Sedução (trauma sexual infantil) → Fantasia (sexo traumático)

Na gênese dessa “constituição sexual”, Freud situou aquilo que denominou de **recalque orgânico** – conceito pouco destacado pelos teóricos da psicanálise, mas que permite que se tenha um bom número de elementos para compreender a sexualidade humana como pulsional e não instintual. A importância atribuída por Freud ao conceito de recalque orgânico não poderia ser mais sublinhada por ele ao afirmar: “Toda a teoria da neurose ficará incompleta enquanto não forem apresentados maiores esclarecimentos sobre o cerne orgânico do recalque”.¹² No entanto, antes de abordar o recalque orgânico, trataremos do conceito de **recalque** em sua obra.

O RECALQUE: A “PEDRA ANGULAR”

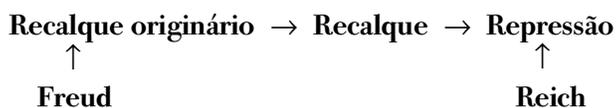
Em “A história do movimento psicanalítico”, ao retrazar os passos de sua descoberta, Freud salienta que “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar empreender a análise de um neurótico *sem recorrer à hipnose*.”¹³

Freud observara que aquilo que transformou seu processo catártico anterior (hipnose e sugestão) em psicanálise foram os “novos fatores”: “a teoria

do recalque e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e a exploração dos sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente”.¹⁴ Com efeito, todos esses elementos se acham reunidos a um só tempo na descoberta freudiana, na medida em que a prática da hipnose ocultava a resistência, e é precisamente nesse sentido que Freud pôde afirmar categoricamente que “a história da psicanálise propriamente dita só começa com a nova técnica que dispensa a hipnose”.¹⁵ Foi apenas ao prescindir da hipnose que se tornou possível evidenciar a “atividade mental inconsciente”, e, nesse sentido, é interessante a observação de Elisabeth Roudinesco segundo a qual a questão da hipnose volta à tona a cada vez que o movimento psicanalítico é agitado por uma grave crise, fato que constitui o que ela denomina de retorno do “sintoma hipnótico”.¹⁶

Para Freud, a teoria do recalque e da resistência constitui uma descoberta e não uma premissa da psicanálise; ela é uma “*inferência teórica* legitimamente extraída de inúmeras observações”.¹⁷ Quanto às premissas, Freud pondera, sem entrar em maiores detalhes, que existem aquelas “de natureza psicológica e biológica geral” sobre as quais seria conveniente tecer considerações em outro momento. Tais premissas incluem decerto a noção de recalque orgânico, sobre a qual nos debruçaremos mais adiante.

Antes de mais nada, há que ser feita uma distinção básica entre o mecanismo do **recalque**, *Verdrängung*, e a **repressão**,¹⁸ sem a qual deixamos de perceber que o recalque ocorre *entre diferentes sistemas psíquicos*, produzindo a mudança de algum elemento de um sistema para outro. O recalque independe de uma ação externa coercitiva, pela qual se caracteriza a repressão: ele é um *mecanismo estrutural*, independente da ação externa, e, além disso, *estruturante*. A crítica que deve ser feita às concepções reichianas diz respeito precisamente a essa confusão, pois, para Wilhelm Reich, tratava-se de conseguir desreprimir ao máximo a sexualidade do sujeito para liberar as vias do gozo e da satisfação sexual. Isto significa que, para Reich, se há recalque, é porque há repressão e a tarefa terapêutica consistiria na desrepressão, para que não houvesse mais recalque. Lacan veio a precisar tal distinção, mostrando o engodo inerente à concepção reichiana e pontuando não só que o recalque não provém da repressão, como também que a repressão é ela mesma, um *efeito de haver recalque*. Decorre precisamente daí o fato de Freud ter sido levado a formular a noção de recalque originário, isto é, de um recalque que antecede tudo e está na origem mesma da constituição da estrutura do sujeito.¹⁹



A descoberta do mecanismo do recalque esteve ligada para Freud desde o início de seus trabalhos ao problema da **defesa**. Por isso, o *Vocabulário da*

psicanálise, de Laplanche e Pontalis, propõe duas definições distintas para o recalque, a primeira no sentido próprio: “Operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações ligadas a uma pulsão. Produz-se quando a satisfação de uma pulsão – em si mesma prazerosa – provoca desprazer.” A segunda, no sentido vago, o aproximaria da defesa.

Com o advento posterior do conceito de recalque originário, o recalque foi elevado, por Freud, de um simples mecanismo de defesa para o nível de um *mecanismo constitutivo do inconsciente*. Foi em 1911, curiosamente no longo ensaio sobre um caso de psicose paranóica, “O caso Schreber”, que Freud tematizou a problemática do recalque pela primeira vez de forma mais consistente. Segundo ele, há dois mecanismos que constituem as características principais da paranóia: a **formação dos sintomas**, cujo traço mais marcante é a **projeção** e o **recalque**. O recalque pode ser decomposto em três fases distintas, que permitem distinguir três conceitos diversos:

- a **fixação**
- o **recalque propriamente dito**
- o **retorno do recalcado**

• A **fixação** precede e condiciona todo recalque. Como uma pulsão ou algum componente pulsional permanece imobilizado num estágio infantil, essa corrente libidinal passa então a se comportar como uma corrente que pertence ao sistema inconsciente, como uma corrente recalçada. É nas fixações que reside a predisposição à patologia posterior, pois em relação à etapa subsequente elas funcionam como um resto passivo que ficou para trás.

Em 1915, no artigo metapsicológico sobre o “Recalque”, ao introduzir a idéia de um *recalque originário*, Freud precisará que este recalque primevo é “uma primeira fase do recalque, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com isso, estabelece-se uma *fixação*; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele”.²⁰ Freud considerará ainda como único mecanismo em jogo no recalque originário o **contra-investimento**, cuja natureza bastante enigmática pode ser elucidada quando abordarmos adiante o conceito freudiano de recalque orgânico e os avanços de Lacan sobre o real.

• São duas as forças que atuam no *recalque propriamente dito*: a **repulsão**, que atua a partir do consciente sobre o que deve ser recalcado, e a **atração** exercida pelo que foi primevamente repelido sobre tudo aquilo com que possa estabelecer uma ligação. O recalque propriamente dito é um *processo ativo que emana do eu*. Esse processo visa aqueles elementos pulsionais que primitivamente ficaram para trás, quando surge um conflito entre eles e o eu. Pode também visar certas aspirações psíquicas que ocasionam uma viva aversão. Quanto a isso, Freud observa algo extremamente importante que prefigura desde já a aproximação que ele fará mais tarde entre a fixação e o recalque

originário: “Esta aversão, no entanto, não teria acarretado o recalque caso uma relação não se estabelecesse entre as aspirações desagradáveis e a serem recalçadas e aquelas que já o são. Quando esse é o caso, a repulsão inspirada pelas aspirações conscientes e a atração exercida pelas aspirações inconscientes colaboram para o sucesso do recalque”.²¹ A contribuição dessas “pulsões previamente recalçadas” pode ser maior ou menor.

Em 1915, no artigo metapsicológico sobre o “Recalque”, Freud precisará que esta segunda fase do recalque, o recalque propriamente dito, afeta os **derivados mentais** do representante recalcado e seus elos associativos. O recalque propriamente dito ocorre só-depois (*Nachdrängen*), sendo necessário sublinhar que o processo do recalque não consegue retirar *todos* os derivados daquilo que foi originalmente recalcado (“primevamente recalcado”). As distorções, assim como o grande número de elos intermediários, produzem um afastamento suficientemente grande do representante que foi recalcado, permitindo àqueles o livre acesso ao consciente. Freud afirma que “tudo se passa como se a resistência do consciente contra eles constituísse uma função da distância entre eles e aquilo que foi originariamente recalcado”.²² (Ressalte-se desde já que Freud irá definir mais à frente aquilo que constitui a “essência do recalque” como sendo *manter algo à distância*.)

Além disso, Freud afirma que o objetivo da **regra fundamental da psicanálise**, a associação livre, consiste precisamente em instar o analisando a produzir “*derivados do recalcado*”. Essa estrutura de derivados do recalcado, que por manterem essa distância do recalcado chegam até a consciência, é a mesma que constitui os sintomas neuróticos.

• **O retorno do recalcado** consiste no fracasso do recalque e na irrupção do recalcado à superfície. A importância da fixação é tão maior quanto Freud irá observar que “essa irrupção nasce no ponto em que ocorreu a fixação e implica uma regressão da libido até esse ponto preciso”.²³ Existem tantos pontos de fixação quantas são as etapas de evolução da libido.

Em 1915, no primeiro de seus artigos metapsicológicos intitulado “Pulsões e suas vicissitudes”, Freud postula que há quatro destinos possíveis da pulsão. São eles:

- reversão a seu oposto
- retorno em direção ao próprio eu
 - recalque
 - sublimação

A questão mais fundamental que Freud coloca sobre “o enigma do recalque”²⁴ diz respeito a sua relação estrita com a sexualidade: *por que, afinal, a sexualidade constitui privilegiadamente o objeto do recalque?* Aparentemente banal, tal questão se revela como da maior importância pois não devemos ver nenhuma naturalidade nessa relação intrínseca que o recalque mantém com a

sexualidade. Ao contrário, o desenvolvimento dessa questão constitui para nós um eixo central de reflexão, que remete, no fundo, como veremos, à problemática do recalque orgânico.

Nesse primeiro artigo metapsicológico, Freud não trata do conceito de recalque, deixando para fazê-lo no artigo subsequente dedicado exclusivamente a ele. Assim, abre o segundo artigo, intitulado “Recalque”, indicando a relação proximal entre pulsão, recalque e resistência: “Uma das vicissitudes que uma moção pulsional pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-la inoperante”.²⁵ A relação entre pulsão e recalque tem como característica básica o fato de a pulsão não ser um estímulo externo e sim *interno*. É nesse sentido que a fuga do estímulo se revela completamente inoperante. A outra possibilidade de afastamento do estímulo interno seria a utilização do *juízo de condenação*, forma elaborada e não automática, como o recalque, de fazer face a alguma moção pulsional: “O recalque é uma etapa preliminar da condenação, algo entre a fuga e a condenação...”. Se em seu artigo sobre “A denegação” (1925) Freud desenvolveu a idéia de que a negação é o substituto intelectual do recalque, é porque uma das características principais do mecanismo do recalque é a de que, operando de modo automático, ele se precipita em afastar determinado conteúdo da consciência antes mesmo de qualquer juízo negativo, condenatório, por parte do sujeito.

Freud observa que há uma certa dificuldade em se conceber o processo do recalque, pois uma condição necessária para que ele se produza é a produção de desprazer ao invés de prazer. E a dificuldade aqui reside no simples fato de que “a satisfação de uma pulsão é sempre agradável”. A experiência psicanalítica mostra que uma pulsão que foi recalçada teria sua satisfação passível de ser realizada, na medida em que “tal satisfação seria agradável em si mesma, embora irreconciliável com outras reivindicações e intenções. Ela causaria, por conseguinte, prazer num lugar e desprazer em outro”.²⁶ Assim, a *condição para o recalque* será formulada por Freud no sentido de que o desprazer seja maior que o prazer obtido pela satisfação da pulsão.

Outra característica maior do recalque é a de que ele exige um *constante dispêndio de força*. Pois, se o recalque exerce uma pressão constante em direção ao consciente, é necessária igualmente uma contrapressão também incessante para equilibrá-la. Observe-se o quanto tal definição do recalque como um processo contínuo é congruente com a definição freudiana da pulsão como uma *força constante* (*Konstant Kraft*). É precisamente esse ponto que Freud salientará posteriormente, em “Inibição, sintoma e angústia” (1926): “É porque as pulsões são contínuas em sua natureza que o eu tem de tornar segura sua ação defensiva por um dispêndio permanente (de energia). Essa ação empreendida para proteger o recalque é observável no tratamento analítico como **resistência**.”²⁷ Vê-se, assim, o quanto os processos de recalque produzem um

acentuado consumo de energia psíquica para enfrentar a ação da força constante da pulsão:

Pulsão (força constante) ↔ Recalque (processo contínuo)

É nesse momento de teorização metapsicológica do recalque que se impõe a Freud a necessidade de conjecturar a ocorrência de um *recalque originário*, na medida em que os processos de recalque secundário só podem surgir “quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente”.²⁸ Nesse sentido, o recalque originário é verdadeiramente constitutivo do inconsciente.

Freud observa em seguida que “a essência do recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância”. Tal maneira de conceber o recalque em sua essência é, como veremos mais à frente, absolutamente homóloga à formulação feita por Freud acerca do recalque orgânico produzido pela adoção da postura ereta em determinado momento da evolução da espécie humana.²⁹ É o que levou Paul-Laurent Assoun a afirmar que há, em Freud, uma espécie de “modelo olfativo do recalque”,³⁰ no qual a caracterização radical do ato do recalque é essencialmente a de um ato de “manter à distância”.

Antes de ocorrer a “cisão marcante” entre as atividades mentais consciente e inconsciente produzida pelo recalque originário, o rechaço das moções pulsionais se produzia pela reversão no oposto e pelo *retorno ao próprio eu*. Esses dois mecanismos são mais arcaicos que o recalque, o qual está relacionado com a clivagem subjetiva enquanto tal. Nesse sentido, o recalque está intimamente associado à entrada em ação do processo secundário que visa substituir o funcionamento psíquico pelo processo primário. Já a reversão no oposto e o retorno ao próprio eu são vicissitudes da pulsão que funcionam sob a égide do processo primário, pois elas não cortam a ambigüidade, a antítese inerente ao percurso pulsional, apenas passam de um a outro lado da antítese moebianamente.³¹ Já o recalque instaura um corte euclidiano na superfície do oito interior e produz dois lados incomunicáveis da antítese. Assim, para situar o conteúdo latente do sonho, Freud se vale do conceito de recalque, mecanismo através do qual

na vida de vigília, o material suprimido da psiquê é impedido de se expressar e é isolado da percepção interna graças ao fato de se eliminarem as contradições nele presentes — *um dos lados é abandonado em favor do outro*; durante a noite, porém, sob a influência de um impulso à formação de compromisso, esse material suprimido encontra meios e modos de irromper na consciência.³²

Voltaremos a esses elementos quando abordarmos a questão dos pares antitéticos na obra de Freud. Antes disso, trataremos da questão nuclear que

foi colocada desde o início, por Freud, sobre a relação do **recalque** com a **bissexualidade**.

FREUD E FLIESS: O RECALQUE E A BISSEXUALIDADE

A relação de intensa amizade mantida durante muitos anos entre Freud e Wilhelm Fliess, médico otorrinolaringologista de Berlim que foi apresentado a ele por Breuer em 1887 quando estudava em Viena (Breuer sugeriu-lhe assistir às conferências de Freud sobre neurologia), ocupa um lugar preponderante na história da descoberta freudiana e continua sendo até hoje objeto de ricos estudos. Não são muitas as informações que se têm sobre a vida de Fliess (1858-1928), o mais íntimo amigo de Freud no período em que ele gestou a teoria psicanalítica. A lacuna de informações sobre Fliess é tanto maior quanto faltam as cartas que ele trocou com Freud numa correspondência que durou dezessete anos, ao passo que as de Freud foram preservadas na íntegra graças sobretudo ao esforço corajoso de Marie Bonaparte, que as comprou e resistiu às invectivas de Freud para tê-las de volta. Ela sabia que Freud lhes daria o mesmo fim que, aparentemente, deu às de Fliess. Contudo, é curioso que Freud nunca tenha conseguido se recordar se, de fato, havia ou não destruído as cartas de seu amigo: tal esquecimento revelaria uma vez mais a ambivalência de Freud em relação a ele?

Já se disse que Fliess veio a ocupar junto a Freud o lugar deixado vago por Breuer,³³ depois que os dois romperam por este não mais concordar sobre os pontos primordiais que vinham sendo introduzidos por Freud acerca do papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Com efeito, a crescente desavença teórica entre eles culminou, paradoxalmente, no momento mesmo em que se editavam os *Estudos sobre a histeria* (1893-95) escritos por ambos, o que fez com que eles se apressassem em colocar as razões de suas divergências em suas apresentações a essa obra.

Fliess foi o primeiro leitor e crítico de *A interpretação dos sonhos* e Freud atribuía grande importância a seus comentários.³⁴ Apesar de terem se afastado após uma polêmica na qual Fliess acusara Freud de plágio, até o fim da vida este fez referência aos seus trabalhos; na verdade, algumas de suas contribuições mais originais, como as da bissexualidade e do período de latência, tiveram grande importância para Freud. Além disso, como observou Octave Mannoni, considerando que Freud teria sido aquele que “deu um destino” às idéias de Fliess, “o simbolismo sexual do nariz permaneceu como o modelo de um tipo de deslocamento com que a psicanálise lida todos os dias”³⁵ e o conceito freudiano de repetição encontrou sua matriz na idéia de periodicidade introduzida por Fliess.

A questão que freqüentemente tem sido alvo da investigação dos historiadores e dos psicanalistas diz respeito ao estatuto da relação entre Freud

e Fliess: enquanto Didier Anzieu falou de **auto-análise**,³⁶ expressão utilizada pelo próprio Freud durante algum tempo e cuja idéia central Erik Porge criticou como sendo mítica,³⁷ O. Mannoni introduziu, por sua vez, a noção de **análise original** para designar a primeira relação verdadeiramente analítica. Esta noção permite que se defina a relação entre Freud e Fliess como uma relação analítica e se aproxima de uma formulação de Serge André A resposta sobre se o relacionamento entre os dois pode ser considerado uma relação analítica é afirmativa, caso situemos esta análise, como o faz S. André retomando um artigo de Jacques-Alain Miller sobre “A sutura”, num lugar muito particular – o lugar do número *zero* na série de números inteiros; pois o número *zero* só pode ser considerado, na verdade, como o primeiro número da série de números inteiros caso o número *um* seja tomado como sendo, paradoxalmente, o segundo, o número *dois* o terceiro e assim por diante: “O fato de que Freud ocupe a posição do Um da série [dos psicanalistas] nos obriga a situar Fliess na posição do zero.”³⁸

O caráter absolutamente excepcional dessa análise não deveria levar-nos a colocá-la em questão, mas, ao contrário, a repensar o lugar excepcional que a rigor toda e qualquer análise apresenta. Ao dirigir-se a Fliess enquanto sujeito suposto saber, Freud criou o **lugar do psicanalista** como o lugar do endereçamento da fala, ainda que Fliess não respondesse a partir de tal lugar. Pois o *saber sobre o sexo*, fundamento paranóico do discurso teórico de Fliess, com seus postulados a respeito de uma periodicidade própria ao sexo masculino e outra ao sexo feminino, impedia, com efeito, que ele pudesse se despojar da suposição de saber e o colocava identificado ao sujeito que sabe.³⁹

Num recente estudo, Erik Porge sugeriu que o que importava para Freud não era que este considerasse Fliess “como um sujeito suposto saber a significação de seu desejo inconsciente”,⁴⁰ mas sim que Fliess – aparecendo para ele como um sujeito suposto saber quanto às ciências biológicas e se apresentando antecipadamente nada menos do que como o instaurador das bases da biologia –, surgia como um verdadeiro interlocutor para ele, que desejava igualmente abrir os caminhos de uma nova ciência. Têm-se aí outros elementos para refletir sobre a ambivalência de Freud que indicamos anteriormente: ela não seria inerente à rivalidade despertada entre conquistadores?

Os trabalhos científicos de Fliess transcendiam em muito os limites da clínica médica e abarcavam o campo da biologia geral. Suas três idéias científicas originais são: a bissexualidade, a neurose nasal reflexa e a periodicidade. Bem no começo de seus trabalhos, Fliess nomeou uma entidade clínica de neurose reflexa de origem nasal, composta de uma pluralidade de sintomas: cefaléias, nevralgias, distúrbios funcionais dos aparelhos digestivo e cardiorrespiratório. Nessa patologia, à importância etiológica atribuída ao nariz se soma o fato de que, para sua terapêutica, Fliess indicava a anestesia com cocaína, o que é digno de destaque quando se sabe que Freud foi o primeiro

pesquisador a sugerir (embora tenha sido Karl Koller que os demonstrou)⁴¹ os efeitos anestésicos da substância. A neurose nasal reflexa possuía, para Fliess, uma dupla etiologia: alterações orgânicas do próprio nariz, devidas a seqüelas de diversas doenças infecciosas e distúrbios funcionais vasomotores, ligados ao sistema genital. Esta segunda etiologia responderia pelo fato de que as neurastenias, isto é, as neuroses de etiologia sexual, adotam com muita freqüência a forma da neurose nasal reflexa, pois, para Fliess, havia uma relação particular e estreita entre o nariz e o aparelho genital feminino. Ele postulava a existência de um elo fisiológico particular entre o nariz e os órgãos genitais, que ele situava em certas “localizações genitais”⁴² no interior do nariz.

Esse elemento do discurso teórico de Fliess, a relação que estabeleceu entre o nariz e o sexo feminino, nos interessa muito particularmente: embora se trate de um discurso igualmente delirante, ele apresenta esse curioso traço de referência à relação entre o órgão do olfato e a sexualidade humana, o qual certamente exercia um enorme poder de atração sobre a reflexão de Freud, como veremos adiante.

Ao mesmo tempo que não se pode negar o caráter delirante da elaboração teórica de Fliess, não se pode deixar de levar em consideração o fato de que, se Fliess parte do nariz, Freud, por sua vez, faz determinados desenvolvimentos extremamente interessantes a respeito do recalque mais antigo da espécie humana, o recalque orgânico,⁴³ numa referência precisamente ao olfato. S. André ressalta que o nariz representa para Fliess o ponto central de sua psicose e afirma que é no órgão nasal que se encontra para Fliess aquela certeza fundamental que Lacan situa como fenômeno elementar da psicose.

A própria idéia de que o inconsciente é constituído individualmente para cada sujeito pelo recalque originário está relacionada, para Freud, com a idéia de que, para o próprio advento da espécie humana, operou um outro recalque – o **recalque orgânico**. E, mais essencialmente ainda, o **núcleo do inconsciente** está, para Freud, relacionado com esse evento filogenético, pois o recalque originário como que repete, na história de cada sujeito, o evento do recalque orgânico, que teria se dado em algum momento da evolução da espécie. O recalque orgânico, sobre o qual vamos nos deter mais à frente, teria aberto um verdadeiro creodo para a espécie humana, a partir do qual o recalque passou a ser um elemento estrutural.

* * *

Podemos, agora, aproximar-nos da noção fliessiana que mais nos interessa, a da **bissexualidade**. Tal noção, introduzida por Fliess e presente do início ao fim da obra de Freud, merece uma atenção particular, pois ela representa um dos pilares que sustentam a concepção freudiana da sexualidade, central, por sua vez, para o conjunto da teoria psicanalítica. É à percepção da importância da teoria fliessiana da bissexualidade que talvez se possa tributar a credulidade que Freud manifestou em relação a Fliess e suas idéias científicas holísticas; é

como se, tendo chamado a atenção de Freud para tal fator tão poderoso, Fliess tivesse obtido junto a ele um salvo-conduto para *quase* todas as suas outras idéias. Contudo, a teoria da bissexualidade (muito presente no discurso científico do século XIX), embora tenha sido útil para Freud no sentido de colocar as questões referentes à sexualidade humana de forma inovadora, desfigura a verdadeira descoberta feita pela psicanálise, a do **objeto perdido do desejo**. A bissexualidade constituiu, na verdade, a possibilidade de nomeação, por Freud, das incidências produzidas pela perda originária do objeto do desejo sobre a sexualidade humana.

Frank J. Sulloway assinala, com pertinência, o acentuado contraste entre o veredito altamente negativo de *todos* os críticos que apreciaram a obra de Fliess e a atitude de Freud para com ele e sua obra: Riebold se refere a ele como um “maníaco dos números” e à sua obra como psicopatológica; Ernest Jones afirma que o pensamento de Fliess tinha claramente “uma base patológica estranha ao de Freud”; para Kurt Eissler, ele era “vítima de um conjunto de idéias paranóides”; para Blumenfeld, a obra de Fliess “roça o místico”. Ao passo que Freud, como se sabe, “acolhe com entusiasmo as ‘descobertas’ de seu amigo como avanços científicos de primeira importância no domínio da biologia e da medicina”.⁴⁴

Sulloway observa que, ao que tudo indica, apenas dois autores teriam enunciado uma palavra sobre Fliess que apontasse numa direção diferente. Além do próprio K. Eissler, que não deixou de observar, mais além da mencionada crítica, que a importância de Fliess era subestimada pelos psicanalistas e que suas teorias biológicas sobre a periodicidade ainda poderiam vir a ser comprovadas no futuro, Iago Galdston mostrou que “as teorias tão denegridas de Fliess são realmente mais compreensíveis e verossímeis em seu contexto histórico do que imaginamos em geral hoje em dia”.⁴⁵

De fato, a noção de bissexualidade suscitou muitas discussões ao final do século XIX e foi utilizada, por exemplo, pelo psiquiatra Richard von Krafft-Ebing, no quadro da concepção de uma bissexualidade humana constitucional, como explicação para a homossexualidade e outras formas então denominadas de “hermafroditismo psicosssexual”. Krafft-Ebing fazia referência às pesquisas do zoólogo Carl Claus, especialista em hermafroditismo e na alternância sexual das gerações nos animais inferiores, de quem Freud fora aluno no primeiro ano de medicina num curso opcional sobre biologia geral e darwinismo. Sulloway acredita que seja mais do que provável que, nesse curso, um dos principais temas de discussão tenha sido a evolução da sexualidade, pois Claus trabalhava então sobre sua descoberta, que tanto impressionara Krafft-Ebing, a da sexualidade de certas espécies de crustáceos, que são machos na primeira parte de suas vidas e fêmeas durante a segunda.